

JULGAMENTO DE CHICO MENDES

Comunidade internacional
acompanha os detalhes da
rotina de violência no Acrepor José Casado
de Xapuri

Assassinatos, tocaias, tortura, espancamentos e ameaças — os detalhes da rotina de violência e de impunidade que marca a vida dos habitantes da Amazônia brasileira estão sendo revistos numa sessão de tribunal: começou ontem, pela manhã, e deve prosseguir até a metade do dia de hoje, a leitura de trechos das quase 3 mil páginas do processo sobre o homicídio de Francisco (Chico) Mendes, dois anos atrás.

É a parte mais cansativa do julgamento — o juiz e dois escrivães são obrigados a um rodízio de leitura a cada volume de 200 páginas. Mas o salão do fórum de Xapuri, uma vila de casas de madeira e ruas calçadas com tijolos de barro, à beira do rio Acre, 185 quilômetros de Rio Branco, continua lotado. Espremidos entre jornalistas, seringueiros, sindicalistas e ecologistas, estão algumas pessoas que, raramente, podem ser encontradas em um tribunal.

David Atkinson é um desses personagens. Ele está ali, sentado 12 horas por dia, representando o Banco Interamericano de Desenvolvimento, numa missão incomum no cotidiano da instituição, a de acompanhar o julgamento de dois suspeitos de assassinato.

Mas Atkinson tem um bom argumento: "O banco fez empréstimos ao País para projetos na Amazônia e seu papel é conhecer o que se está passando no Brasil". Para ele acrescenta: "Chico Mendes, para nós, é um símbolo, e desempenhou um papel muito importante".

Um ano antes de ser emboscado, supostamente por Darly e Darcy Alves — criadores de gado em Xapuri em julgamento há 48 horas —, o líder seringueiro esteve em Washington e foi a uma reunião anual do banco. Falou muito sobre os financiamentos a projetos diversos na Amazônia que contribuíam para a devastação da floresta tropical.

Trinta dias depois, todos os financiamentos da instituição foram suspensos para uma revisão de contratos sob o enfoque da proteção ao meio ambiente.

Era uma época em que os organismos oficiais de crédito, nos Estados Unidos, estavam sob intensa pressão dos movimentos ecológicos, especialmente por causa da intensidade das queimadas e dos desmatamentos nas florestas tropicais da América do Sul e da África.

Barber Conable, que acabara de assumir o comando do Banco Mundial, por exemplo, tinha sido duramente criticado por Edward Goldsmith, patrono de vários grupos ambientalistas e criador da revista "The Ecologist", em uma carta aberta reproduzida nos principais jornais norte-americanos.

Conable, no discurso de posse, prometera adotar rígidos critérios de proteção ambiental nos projetos que seu banco financiava. Goldsmith escreveu: "Se o senhor não tivesse prometido repensar sua maneira de agir, logo seria obrigado a enfrentar uma redução do apoio financeiro, o que ameaçaria a própria sobrevivência de sua instituição".

Na ante-sala do fórum de Xapuri, Atkinson demonstra o quanto líderes como Chico Mendes e Goldsmith influenciaram para a mudança de rumo nos créditos oficiais ao Brasil.

"Acabamos de obter a sétima reposição de recursos, no valor global de US\$ 22 bilhões e um dos aspectos mais prioritários na aplicação desse dinheiro, aqui e em qualquer parte do mundo, será o enfoque do impacto ambiental.

Acho que o reflexo dessa mudança de postura, hoje,

pode ser percebido mais na qualidade do que na quantidade de projetos que estamos financiando no Brasil. Mas dentro de poucos anos, todos irão ver o tamanho dessa alteração de rota."

Ao lado de Atkinson, na sala do júri, estão sentando-se, todos os dias, funcionários graduados das embaixadas dos Estados Unidos, Grã-Bretanha e Suíça, entre outros. Querem, como os brasileiros, saber qual será o destino dos supostos assassinos de Chico Mendes.

As evidências de que Darly Alves, o pai, e Darcy, o filho, junto com Jaider Pereira, um pistoleiro conhecido no submundo como "Mineirinho", são de fato os autores da tocaia de 22 de dezembro de 1988 acumulam-se mas três mil páginas do processo.

Há, também, indícios de que esta foi uma conspiração com outros personagens, alguns influentes na vida política do Acre. "Temos demonstrações concretas de convivência, por exemplo, de fazendeiros que integram a União Democrática Ruralista (UDR)", conta a advogada Suely Bellato, assistente do promotor.

Oficialmente, a UDR surgiu no Acre a 7 de outubro de 1988 — 70 dias antes da morte do líder seringueiro. Não existem provas estabelecendo a ligação, mas a Promotoria Pública insiste em afirmar que grupos de criadores de gado reuniram-se na fazenda dos Alves para discutir o crime e organizar sua execução.

Como em outros estados, a UDR do Acre é produto de uma situação de conflito, que pode ser traduzida pelo nível de concentração da propriedade: 81,3% das terras agricultáveis do estado estão na mãos de grandes proprietários; os dez maiores controlam uma área de 3,3 milhões de hectares ou 33,1 mil quilômetros quadrados, o que é superior à extensão territorial da Bélgica, por exemplo.

É um quadro que se repete pela Amazônia, onde vivem 10% dos brasileiros e que, de 1985 até o ano passado, concentrou 71% do total de mortes registradas no Brasil em conflitos pela posse de terra.

Chico Mendes, antes de ser assassinado, enviou uma carta a várias entidades sindicais citando a UDR como parte do esquema de preparação de sua morte. Não deu provas, apenas sua denúncia. A UDR, também, jamais contestou. Mas a seção de Goiânia, capital de Goiás, enviou um advogado, José Olympio, para dar assistência jurídica a Darly Alves.

Ontem, pouco depois da abertura da sessão do júri, os seringueiros de Xapuri receberam um comunicado dos sindicatos rurais de Pernambuco.

Um assessor do sindicato dos canavieiros de Palmares, distante cinco mil quilômetros de Xapuri, no Leste do País, foi emboscado no entrocamento da cidade.

Eram 7 horas da manhã, José Hélio Silva dirigia seu carro, pela estrada, acompanhado de José Cícero, tesoureiro do Sindicato dos Canavieiros. Um carro passou por eles, disparando. Silva parou na estrada, desceu e foi metralhado. Cícero também foi ferido mas sobreviveu.

No último dia 9 Silva estava no sindicato quando chegou uma carta anônima, recomendando que deixasse de estimular os canavieiros de Palmares em suas disputas com os proprietários de engenhos e usinas de cana-de-açúcar da região.

Um dos trechos da carta lembrava-lhe: "Chico Mendes está dormindo por que falou demais".